

GEORGE
ORWELL

Copyright © | by Espólio de Sonia Brownell Orwell

Copyright do prefácio © 1952 | by Lionel Trilling

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa | Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Foto de capa | Acima: © Hulton-Deutsch Collection/ Corbis (DC)/ LatinStock. Londres, 1937

Abaixo: © E.O. Hoppé/ Corbis (DC)/ LatinStock. Londres, c. 1930

Preparação | Leny Cordeiro

Revisão | Jane Pessoa e Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950.
Como morrem os pobres e outros ensaios / George Orwell ;
seleção de textos João Moreira Salles e Matinas Suzuki Jr. ;
organização Matinas Suzuki Jr. ; prefácio Lionel Trilling ;
tradução Pedro Maia Soares. – São Paulo : Companhia das
Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1863-2

1. Ensaios ingleses 2. Política e literatura I. Salles, João
Moreira. II. Suzuki Junior, Matinas. III. Trilling, Lionel. IV.
Soares, Pedro Maia. V. Título.

11-03944

CDD-824

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaio : Literatura inglesa 824

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

11	Nota sobre esta edição
----	------------------------

Prefácio

13	George Orwell e a política da verdade Lionel Trilling (1952)
----	---

1 | Os dias são sempre iguais

37	Um dia na vida de um vagabundo (<i>A day in the life of a tramp</i>)
46	O albergue (<i>The spike</i>)
57	Diário da colheita de lúpulo (<i>Hop-picking diary</i>)

- 85 Em cana (*Clink*)
97 Como morrem os pobres (*How the poor die*)

2 | A insinceridade é inimiga da linguagem clara

- 113 Em defesa do romance (*In defence of the novel*)
122 A poesia e o microfone (*Poetry and the microphone*)
133 Propaganda e discurso popular (*Propaganda and demotic speech*)
142 A política e a língua inglesa (*Politics and the English language*)

3 | A covardia intelectual é o pior inimigo

- 161 Jornal por um vintém (*A farthing newspaper*)
165 Semanários para meninos (*Boys's weeklies*)
198 A liberdade do parque (*Freedom of the park*)
203 A prevenção contra a literatura (*The prevention of literature*)
221 A liberdade de imprensa (*The freedom of the press* — prefácio para *A revolução dos bichos*)

4 | “Pacifismo” é uma palavra vaga

- 235 A vingança é amarga (*Revenge is sour*)
240 Pacifismo e progresso (*Pacifism and progress*)
246 A questão do prêmio de Pound (*The question of the Pound award*)

5 | É melhor cozinhar batatas do que fritá-las

- 251 “Tamanhas eram as alegrias” (“*Such, such were the joys*”)

- 304 Inglaterra, nossa Inglaterra (*England your
England*)
- 335 O espírito esportivo (*The sporting spirit*)
- 340 Em defesa da culinária inglesa (*In defence of
English cooking*)
- 344 Uma boa xícara de chá (*A nice cup of tea*)
- 348 Moon Under Water (*The Moon Under Water*)
- 352 O declínio do assassinato inglês (*Decline of the
English murder*)

6 | O sapo tem o olho mais bonito

- 359 Marrakesh (*Marrakech*)
- 367 Em defesa da lareira (*The case for the open fire*)
- 371 Fora com esse uniforme (*Banish this uniform*)
- 375 Livros e cigarros (*Books v. cigaretts*)
- 381 Algumas reflexões sobre o sapo comum (*Some
thoughts on the common toad*)

386 **Notas**

413 **Sobre o autor**

1 | Os dias são sempre iguais

Narrativas testemunhais da primeira fase da carreira do escritor, quase todas ainda assinadas como Eric Blair, frutos da convivência com mendigos e de experiências em um albergue, em um hospital para indigentes, em uma prisão e no trabalho como colhedor de lúpulo. São complementares aos livros Na pior em Paris e Londres e O caminho para Wigan Pier.

O albergue¹

The Adelphi, abril de 1931

Era o final da tarde. Quarenta e nove de nós, 48 homens e uma mulher, estavam deitados na relva esperando a abertura do albergue. Estávamos cansados demais para conversar muito. Exaustos, nos limitávamos a ficar ali escarrapachados, com cigarros caseiros que se projetavam de nossos rostos raquíticos. No alto, os galhos do castanheiro estavam cobertos de flores, e acima deles, grandes nuvens lanosas flutuavam quase imóveis num céu claro. Jogados na relva, parecíamos uma ralé urbana encardida. Sujávamos o cenário, como latas de sardinha e sacos de papel na praia.

O pouco que se falava era sobre o “bedel de vagabundos”² daquele albergue. Ele era um demônio, concordavam todos, um tártaro, um tirano, um cão vociferante, blasfemo e insensível. Você não podia dizer que era dono do seu nariz quando ele estava por perto, e ele expulsou muito vagabundo no meio da noite por dar uma resposta malcriada. Na hora da revista, ele quase virava você de cabeça para baixo e sacudia. Se fosse apanhado com fumo, seria o diabo, e se entrasse com dinheiro (o que é contra a lei), Deus nos livre.

Eu tinha oito pence comigo. “Pelo amor de Deus, companheiro”, aconselharam-me os veteranos, “não entre com isso. Você pega sete dias se entrar no albergue com oito pence!”

Então enterrei meu dinheiro num buraco sob a cerca viva e marquei o lugar com um pedaço de pederneira. Depois, tratamos de contrabandear nossos fósforos e fumo, pois é proibido entrar com essas coisas em quase todos os albergues: é preciso entregá-las no portão. Nós as enfiávamos nas meias, exceto os vinte e poucos por cento que não tinham meias e precisavam carregar o fumo nas botas, até mesmo embaixo dos dedos dos pés. Estufamos nossos tornozelos com o contrabando, de tal modo que alguém que nos visse poderia imaginar um surto de elefantíase. Mas é uma lei não escrita que até mesmo o mais duro dos vigias de vagabundos não revista abaixo do joelho e, no fim, só um homem foi apanhado. Era Scotty, um vagabundo cabeludo e baixo, com um sotaque ilegítimo, descendente do cockney de Glasgow. A tampa de sua lata de baganas caiu da meia na hora errada e foi confiscada.

Às seis, os portões se abriram e nos arrastamos para dentro. No portão, um funcionário anotou nossos nomes e outros detalhes no livro de registro e pegou nossas trouxas. A mulher foi mandada para o asilo e nós para o albergue. Era um lugar lúgubre, gelado e caiado composto apenas de um banheiro, um refeitório e cerca de cem celas estreitas de pedra. O terrível bedel de vagabundos nos encontrou à porta e nos levou ao banheiro, para tirarmos a roupa e sermos revistados. Era um homem rude e soldadesco de quarenta anos que não dava aos vagabundos mais atenção do que a ovelhas num banho parasiticida, empurrando-os para lá e para cá e gritando imprecações em suas caras. Mas, quando chegou minha vez, me olhou duro e perguntou:

“Você é um cavalheiro?”

“Acho que sim”, respondi.

Olhou-me longamente de novo. “Bem, isso é um maldito azar,

chefe”, disse ele, “é um maldito azar, mesmo.” E a partir de então, enfiou na cabeça de me tratar com compaixão, até mesmo com uma espécie de deferência.

Era uma visão nojenta, aquele banheiro. Todos os segredos indecentes de nossas roupas de baixo ficavam expostos; a sujeira, os rasgões e remendos, os pedaços de cordão servindo de botões, as camadas e mais camadas de fragmentos de roupas, algumas meras coleções de furos mantidos juntos pela sujeira. O banheiro se transformou num apinhamento de nudez fumegante em que o cheiro de suor dos vagabundos competia com o fedor doentio e subfecal natural do albergue. Alguns dos homens recusaram o banho e lavaram somente seus “trapos de dedos”, horrendos e sebosos pedaços de pano com que os vagabundos enrolam seus pés. Cada um de nós dispunha de três minutos para tomar banho. Seis toalhas de rolo ensebadas e escorregadias tinham de ser suficientes para todos nós.

Depois do banho, levaram nossas roupas e tivemos de vestir os camisões do asilo, umas coisas de algodão cinzento parecidas com camisolas, que iam até a metade das coxas. Então, fomos mandados para o refeitório, onde a ceia estava servida em mesas de pinho. Era a invariável refeição de albergue, sempre a mesma, fosse desjejum, jantar ou ceia: meia libra de pão, um pouco de margarina e meio litro de um suposto chá. Não levamos mais de cinco minutos para engolir a comida barata e nociva. Depois o vigia de vagabundos deu três mantas de algodão para cada um de nós e nos conduziu para as celas em que passaríamos a noite. As portas foram trancadas por fora um pouco antes das sete da noite, e assim ficariam pelas próximas doze horas.

As celas mediam 2,5 metros por 1,5 e não tinham iluminação, exceto uma janela minúscula e gradeada no alto da parede e um olho mágico na porta. Não havia percevejos e tínhamos um estrado de cama e colchões de palha, ambos luxos raros. Em muitos alber-

gues, dorme-se numa prateleira de madeira e, em alguns, no chão nu, com um casaco enrolado que serve de travesseiro. Com uma cela só para mim e uma cama, eu esperava uma noite de descanso profundo. Mas não tive isso, pois há sempre alguma coisa de errado no albergue, e o defeito peculiar daquele, como descobri imediatamente, era o frio. Maio já começara e, em homenagem à estação — um pouco de sacrifício aos deuses da primavera, talvez —, as autoridades haviam cortado o vapor dos canos de aquecimento. As mantas de algodão eram quase inúteis. Passei a noite virando de um lado para o outro, caindo no sono por dez minutos e acordando meio congelado, esperando pelo amanhecer.

Como sempre acontece no albergue, quando consegui dormir sossegado já era hora de levantar. O bedel de vagabundos veio marchando pelo corredor com passos pesados, destrancando as portas e gritando para que mostrássemos uma perna. Em seguida, o corredor estava cheio de figuras esqueléticas de camisa que corriam para o banheiro, pois só havia uma banheira cheia de água para todos de manhã, e servia-se quem chegasse primeiro. Quando entrei, vinte vagabundos já haviam lavado a cara. Dei uma olhada para a espuma preta na superfície da água e decidi ficar sujo pelo resto do dia.

Apressamo-nos a vestir nossas roupas e depois fomos ao refeitório para engolir o desjejum. O pão estava muito pior que de costume, porque o idiota de mentalidade militar do bedel o havia cortado em fatias na noite anterior: estava duro como bolacha de navio. Mas ficamos contentes com o chá depois da noite fria e agitada. Não sei como os vagabundos viveriam sem chá, ou melhor, sem a coisa que chamam de chá. É o alimento deles, seu remédio, sua panaceia para todos os males. Sem o litro de chá que bebem por dia, acredito que não conseguiriam encarar a existência.

Após o desjejum, tivemos de nos despir de novo para a inspeção médica, que é uma precaução contra a varíola. Demorou três

quartos de hora para que o médico chegasse, e tivemos tempo de olhar ao nosso redor e ver que tipo de homens éramos. Tratava-se de uma visão instrutiva. Estávamos nus da cintura para cima, em duas longas fileiras no corredor. A luz filtrada, azulada e fria, nos iluminava com clareza impiedosa. Ninguém pode imaginar, exceto se já viu tal coisa, como parecíamos uns vira-latas barrigudos e degenerados. Cabeças desgrenhadas, rostos enrugados e barbudos, peitos encovados, pés chatos, músculos descaídos — todos os tipos de malformação e podridão física estavam ali. Todos eram flácidos e descoloridos, como são todos os vagabundos sob suas enganosas queimaduras de sol. Duas ou três figuras que vi ficaram inesquecivelmente em minha memória. O “Papai” Velho, de 74 anos, com sua cinta e seus olhos vermelhos e lacrimosos; um esfomeado macilento, com barba rala e encovado, que parecia o cadáver de Lázaro em algum quadro primitivo; um imbecil, perambulando por aqui e acolá com vagas risadinhas, timidamente satisfeito porque suas calças sempre escorregavam e o deixavam nu. Mas poucos de nós eram melhores do que eles; não havia dez homens de compleição decente entre nós, e creio que a metade deveria estar num hospital.

Uma vez que era domingo, ficaríamos no albergue até o dia seguinte. Assim que o médico foi embora, fomos conduzidos de volta ao refeitório e suas portas foram fechadas. Era uma sala caiada e de piso de pedra, indescritivelmente triste com sua mobília de mesas e bancos de pinho e seu cheiro de prisão. As janelas eram tão altas que não se podia olhar para fora, e o único enfeite era um conjunto de Regras que ameaçavam com penalidades terríveis a quem se comportasse mal. Enchemos de tal forma a sala que ninguém podia mexer um cotovelo sem empurrar um outro. Às oito da manhã, já estávamos entediados com nosso cativeiro. Não havia nada para conversar, exceto as fofocas insignificantes da estrada, os bons e maus albergues, os condados caridosos e os

insensíveis, as iniquidades da polícia e o Exército da Salvação. Os vagabundos raramente escapam desses temas; é como se não falassem senão de compras. Não têm nada que valha a pena chamar de conversa, porque o vazio das barrigas não deixa especulação em suas almas. O mundo é muito duro com eles. A próxima refeição nunca está garantida, e assim não podem pensar em nada senão na próxima refeição.

Passaram-se duas longas horas. O Papai Velho, emburrecido pela idade, estava sentado em silêncio, com as costas curvadas como um arco, e seus olhos inflamados pingavam lentamente no chão. George, um velho vagabundo safado, famoso pelo hábito esquisito de dormir de chapéu, resmungou sobre um pacote de pão que perdera na estrada. Bill, o parasita, o de melhor compleição de nós todos, um mendigo hercúleo que cheirava a cerveja mesmo depois de doze horas de albergue, contou histórias de furtos, de canecas de cerveja que lhe foram pagas em botequins, de um pároco que o delatou à polícia e ele pegou sete dias. William e Fred, dois jovens ex-pescadores de Norfolk, cantaram uma canção triste sobre a Infeliz Bella, que foi traída e morreu na neve. O imbecil balbuciou sobre um grã-fino imaginário que certa vez lhe dera 257 soberanos de ouro. Assim passava o tempo, com conversa chata e obscenidades chatas. Todos fumavam, exceto Scotty, cujo fumo havia sido confiscado, e ele estava tão infeliz sem poder fumar que lhe ofereci material para fazer um cigarro. Fumamos às escondidas, ocultando nossos cigarros como escolares quando ouvimos os passos do vigia, pois fumar, embora fizessem vista grossa, era oficialmente proibido.

A maioria dos vagabundos passava dez horas consecutivas naquela sala lúgubre. É difícil imaginar como aguentavam. Passei a pensar que o tédio é o pior de todos os males de um vagabundo, pior do que a fome e o desconforto, pior ainda do que o sentimento constante de ser socialmente desfavorecido. É uma crueldade

estúpida confinar um homem ignorante o dia inteiro sem nada para fazer; é como prender um cão num barril. Só um homem instruído, que encontra consolo dentro de si mesmo, pode suportar o confinamento. Os vagabundos, tipos iletrados como quase todos são, encaram sua pobreza com mentes vazias, sem recursos. Imobilizados durante dez horas num banco desconfortável, não conhecem maneira de se ocupar, e se chegam a pensar, é para choramingar sobre a má sorte e ansiar por trabalho. Não têm dentro deles recursos para suportar os horrores do ócio. E assim, uma vez que passam grande parte de suas vidas sem fazer nada, sofrem as agonias do tédio.

Eu tive muito mais sorte que os outros, porque às dez horas o bedel me escolheu para a tarefa mais cobiçada do albergue, a de ajudar na cozinha do asilo. Na verdade, não havia nada a fazer lá, e pude fugir e me esconder num galpão usado para armazenar batatas, junto com alguns mendigos do asilo que estavam se esquivando do serviço da manhã de domingo. Havia um fogão aceso e caixotes de embalagens confortáveis para sentar, números antigos de *Family Herald* e até um exemplar de *Raffles* da biblioteca do asilo. Depois do albergue, era o paraíso.

Melhor ainda, meu jantar veio da mesa do asilo e foi uma das maiores refeições que eu já havia feito. Um vagabundo não vê uma refeição como aquela duas vezes por ano, no albergue ou fora dele. Os mendigos me contaram que se empanturravam a mais não poder aos domingos e passavam fome seis dias por semana. Quando terminou a refeição, o cozinheiro me pôs para lavar pratos e mandou jogar fora os restos da comida. O desperdício era espantoso: grandes pratos de carne e baldes de pães e legumes foram jogados fora como lixo e depois sujos com folhas de chá. Enchi cinco latas de lixo com comida boa. E enquanto eu fazia isso, meus colegas vagabundos estavam sentados a duzentos metros dali, com as barrigas meio cheias com o jantar do albergue de pão e chá eternos

e talvez duas batatas cozidas frias, em homenagem ao domingo. Jogar comida fora parecia ser uma política deliberada, em vez de dá-la aos vagabundos.

Às três horas, deixei a cozinha do asilo e voltei para o albergue. O tédio naquela sala lotada e sem conforto era agora insuportável. Nem mesmo fumavam mais, pois o único tabaco do vagabundo vem de baganas recolhidas e, tal como um animal que pasta, ele morre de fome se estiver longe da calçada-pasto. Para ocupar o tempo, conversei com um vagabundo de ar um tanto superior, um jovem carpinteiro de colarinho e gravata que estava na estrada, segundo disse, por não ter uma caixa de ferramentas. Mantinha-se um pouco afastado dos outros vagabundos e se comportava mais como homem livre do que como indigente. Também tinha gosto literário e levava um romance de Scott em todas as suas perambulações. Contou-me que nunca entrava num albergue, a não ser levado pela fome, e dormia de preferência sob cercas vivas e atrás de arbustos. Certa vez, ao longo da costa sul, havia pedido esmolas durante o dia e dormido à noite nas barracas dos banhistas por semanas.

Falamos da vida na estrada. Ele criticou o sistema que fazia um vagabundo passar catorze horas por dia no albergue e as outras dez caminhando e driblando a polícia. Falou de seu caso: seis meses às custas dos cofres públicos por falta de três libras esterlinas de ferramentas. Era uma idiotice.

Então lhe contei sobre o desperdício de comida na cozinha do asilo e o que eu pensava daquilo. Ao ouvir isso, ele mudou de tom imediatamente. Vi que havia despertado o *pew-renter*³ que há em todo trabalhador inglês. Embora tivesse passado fome como os outros, de imediato ele viu boas razões para jogar a comida fora, em vez de dar aos vagabundos. Advertiu-me com severidade.

“Eles têm de fazer isso”, disse ele. “Se tornarem esses lugares confortáveis demais, toda a escória do país virá para cá. É somente

a comida ruim que mantém essa escória longe. Esses mendigos são preguiçosos demais para trabalhar, esse é o problema deles. Você não vai querer encorajá-los. São uma escória.”

Apresentei argumentos para provar que ele estava errado, mas ele não me deu ouvidos. Continuava repetindo:

“Não me diga que você tem piedade desses vagabundos — escória, isso é o que eles são. Não se pode julgá-los pelos mesmos padrões de homens como você e eu. Eles são escória, só escória.”

Era interessante ver o modo sutil como ele se dissociava dos colegas vagabundos. Estava na estrada havia seis meses, mas, aos olhos de Deus, parecia dizer, não era um vagabundo. Seu corpo podia estar no albergue, mas seu espírito estava longe, no puro éter da classe média.

Os ponteiros do relógio se arrastavam com lentidão atroz. Estávamos entediados demais até para conversar, e o único som que se ouvia era o de imprecações e bocejos reverberantes. A gente forçava os olhos a se afastar do relógio por um tempo que parecia uma eternidade e depois olhava de novo e via que os ponteiros haviam avançado três minutos. O tédio entupia nossas almas como gordura de carneiro fria. Nossos ossos doíam por causa disso. Os ponteiros do relógio pararam nas quatro, e a ceia só seria servida às seis, e não restava mais nada de notável sob a lua visitante.⁴

Finalmente, as seis horas chegaram e o bedel e seu auxiliar vieram com a ceia. Os vagabundos que bocejavam se ergueram como leões na hora da comida. Mas a refeição foi uma decepção deprimente. O pão, que já estava ruim de manhã, era agora sem dúvida intragável: estava tão duro que as mandíbulas mais poderosas mal conseguiam arranhá-lo. Os mais velhos ficaram praticamente sem ceia e ninguém conseguiu terminar sua porção, embora estivéssemos todos famintos. Quando terminamos, entregaram as mantas sem demora e fomos conduzidos mais uma vez para as celas nuas e geladas.

Passaram-se treze horas. Às sete fomos acordados e levados apressadamente para disputar a água no banheiro, e engolir nossa ração de pão e chá. Nosso tempo no albergue havia acabado, mas não podíamos ir embora enquanto o médico não nos examinasse de novo, pois as autoridades têm terror da varíola e de sua disseminação pelos vagabundos. Dessa vez, o médico nos fez esperar duas horas e só às dez da manhã conseguimos afinal escapar.

Pelo menos estava na hora de ir embora e nos deixaram sair para o pátio. Como tudo parecia brilhante, e como o vento soprava doce, depois do albergue sombrio e fedorento! O bedel entregou a cada um de nós a trouxa de pertences confiscados e um pedaço de pão e queijo para a refeição do meio-dia, e depois pegamos a estrada, apressando-nos para sair da vista do albergue e sua disciplina. Aquele era nosso intervalo de liberdade. Após um dia e duas noites de tempo perdido, tínhamos oito horas para nossa recreação, para esquadrinhar as ruas em busca de baganas, para pedir esmolas e procurar trabalho. Também tínhamos de fazer nossos quinze, vinte ou até trinta quilômetros até o próximo albergue, onde o jogo recomeçaria.

Desenterrei meus oito pence e peguei a estrada com Nobby, um vagabundo respeitável e desanimado que levava um par de botas sobressalentes e visitava todas as Bolsas de Trabalho. Nossos últimos companheiros espalharam-se em todas as direções, como percevejos num colchão. Somente o imbecil se deteve nos portões do albergue até que o bedel o afugentasse.

Nobby e eu partimos para Croydon. Era uma estrada tranquila, sem carros passando, as flores cobriam as castanheiras como se fossem grandes velas de cera. Tudo estava tão calmo e cheirava a limpeza que era difícil acreditar que havia poucos minutos estivéramos amontoados com aquele bando de prisioneiros numa fedentina de esgoto e sabão mole. Os outros haviam desaparecido; nós dois parecíamos ser os únicos vagabundos na estrada.

Então escutei passos apressados atrás de mim e senti um tapinha no braço. Era o baixinho Scotty, que viera correndo ofegante atrás de nós. Tirou uma lata enferrujada do bolso. Tinha um sorriso cordial, como o de alguém que está retribuindo um favor.

“Aqui está, companheiro”, disse, afável. “Devo-lhe algumas baganas. Você me deu fumo ontem. O bedel devolveu minha caixa de baganas quando saímos esta manhã. Uma mão lava a outra — aqui está.”

E pôs na minha mão quatro pontas de cigarros estragadas, repulsivas.

*